

ESPAÇO FUNERÁRIO DA ARISTOCRACIA IBERA: UMA ANÁLISE BASTETANA (SÉCULOS VII –IV A.C)

Ellen Moura Teixeira de Vasconcelos¹

Resumo: Este artigo tem por objetivo analisar enterramentos da aristocracia iberica bastetana, na região sudeste da Península Ibérica, durante a idade do ferro. Região importante para a gestão das redes comerciais no extremo ocidental do Mediterrâneo, sua zona costeira possuía entrepostos fenícios desde o século IX a.C., o que, na opinião dos pesquisadores, promoveu o desenvolvimento de uma aristocracia dividida em diversos oppida, sendo a cidade de Bastí, o principal centro. Neste contexto, partiremos da perspectiva da Arqueologia da Morte para a análise das relações de status e gênero nas práticas e espaços funerários iberos, enfocando nos casos das sepulturas da dama de Baza e da dama de Galera.

Palavras chave: Iberos, práticas funerárias, aristocracia, arqueologia da morte.

Abstract: This paper aims to analyze Iberian aristocratic burials in southeast Iberia during the Iron Age. Important region for the management of commercial networks in the western end of the Mediterranean, since the ninth century B.C its coastal region had Phoenician ports of trade which, promoted the development of an aristocracy divided in several oppida. Whose main centre was Bastí. In this context, the presente analysis is based on Archaeology of Death in order to analyse status and gender relations in Iberian funerary. Practice and space two graves will be considered for this work: the, so called, dones of Baza and Galera.

Key-words: Iberians, funerary practices, aristocracy, archeology of death.

Introdução

Quando nos dispomos a falar sobre a cultura Ibera, somos levados a contextos culturais e territoriais diversos. Sociedade que se desenvolveu desde os fins da Idade do Bronze, formou ao longo dos séculos um mosaico de entidades políticas com traços culturais comuns, mas ao mesmo tempo com variações regionais e locais. Apesar dos autores clássicos se referirem à eles com nomes distintos, como: oretanos, indiketes, contestanos, bastetanos, edetanos, etc.... Estes povos compartilhavam da mesma língua, que hoje, denominamos ibérica.

¹ Mestranda em História Social pela UFF e pesquisadora do NEREIDA (PPGH / UFF) do Rio de Janeiro. Contato: ellenmouratv@hotmail.com

A cultura ibérica se desenvolveu entre a zona costeira que vai desde o sul de Languedoc-Roseillon até Alicante, penetrou até o interior pelo vale del Ebro, ocupando grande parte de la Mancha meridional e oriental até o rio Guadiana, alcançando o vale do Alto Guadalquivir e descendo ao sul, até Cádiz. Simultaneamente ao desenvolvimento e expansão desta cultura pela Península Ibérica, se deram os primeiros contatos com outras sociedades do Mediterrâneo Antigo. O quadrante sul e sudeste da Península Ibérica, é uma região que apresenta uma grande complexidade étnica. Segundo Albeda e Pérez (2002), talvez seja a maior de todas as áreas geográficas da Ibéria pré-romana, por conta dos achados arqueológicos e pela literatura greco-latina, que proporciona um grande número de etnônimos. De acordo com Almagro-Gorbea (1992), houve nas últimas décadas um grande avanço nas investigações sobre as populações pré-romanas da Península Ibérica, o que tem permitido renovar profundamente os conhecimentos acerca do mundo ibérico.

Nesse sentido, propomos realizar neste artigo, uma análise da formação da aristocracia bastetana e dos seus principais *oppida*, através de um diálogo com a arqueologia da morte e a antropologia, tendo como objeto de análise as sepulturas de duas das chamadas “damas iberas”: a dama de Baza (localizada em Bastí) e a dama de galera (localizada em Tútugi).

Região ibérica bastetana

Os estudos sobre os territórios de Bastí e Tútugi, estão sendo desenvolvidos desde a década de 1990, onde pode-se considerar que estes *oppida* se organizaram com elementos referenciais diversos no espaço e no tempo em relação aos outros modelos de povoados (*oppida* secundários e aldeias campesinas). Houve para população um período de reconhecimento deste espaço, além de um processo de consolidação do espaço urbano tanto em aspectos físicos como em significados sociais. De acordo com Adroher e Caballero (2009), apesar de não considerar a existência de uma cidade no âmbito ibérico até o século III a.C., é verdade que existia planejamento urbanístico em desenvolvimento de diversos assentamentos da cultura ibérica bastetana. Estes espaços possuíam uma rede urbana, delimitada por muralhas perimetrais, onde se articulava espaços domésticos com espaços comunitários em seu interior, além de espaços extramuros como; as necrópoles, plantações e locais no âmbito do sagrado, alguns ainda do período do Bronze. Desta forma, sendo possível perceber após escavações arqueológicas a existência de um espaço urbano e rural do território.

esses *oppida*, nos mostram que, suas fortificações não serviam como fronteira entre os territórios, mas ao contrário, como comunicação entre ambos. Dados procedentes de estudos e escavações nos revelam uma organização, evolução e distribuição relativamente homogênea, onde o território bastetano evoluiu quase que de uma forma orgânica, estruturando-se de uma maneira em que cada *oppidum*, mesmo que sendo politicamente independente um do outro, pudesse formar parte de uma realidade macroeconômica, e que pudesse ser permitido que cada núcleo populacional desenvolvesse suas atividades extrativas e primárias, mas, que eventualmente pudessem contar um com o outro, já que a distância entre eles estavam em torno de 38 quilômetros (Auroux, 2008:215).

É possível rastrear o início da formação das aristocracias bastetanas, através da cultura material, principalmente no que se refere aos enterramentos do contexto das fases mais antigas de diversas necrópoles, como por exemplo as sepulturas que analisaremos mais adiante. Como aponta González e Adroher (1999), foi percebido que nos altiplanos de Granada, houve uma incidência de uma “rede comercial” fenícia durante o Bronze Final, fazendo com que se modificasse a urbanização das antigas aldeias e propiciando a formação de uma aristocracia emergente. Blázquez e Gelabert (1996), descrevem que os fenícios através de seus contatos comerciais, vinham esporadicamente, com o tempo passaram a vir periodicamente, até estabelecerem seus entrepostos e colônias nas costas meridionais iberas, onde transmitiram às populações locais uma série de novos elementos culturais. É válido ressaltar que a partir da metade do século VIII a.C., foi documentada uma ampliação da área comercial além de mudanças urbanísticas, inovações técnicas e produções artesanais.

Esta época também conhecida pelos especialistas como Período Orientalizante ou Proto-Ibérico, é o momento em que ocorrem as interações e contatos econômicos e culturais entre iberos, fenícios e helenos. Blázquez (2007) enfatiza, que seriam traços típicos das colônias fenícias as: 1) explorações dos recursos locais da Península Ibérica, 2) organização hierárquica dos assentamentos, 3) a consolidação da aristocracia fenícia no ocidente somada aos novos traços políticos, e 4) o desenvolvimento de novas comunidades culturais e étnicas de caráter misto. De acordo com Aubet (1994), a chegada dos fenícios se trata de um fenômeno econômico munido de uma forte carga social, pois antes mesmo das instalações de seus entrepostos comerciais, são trocados objetos de valor e de luxo com um claro propósito de construir relações amistosas. A autora segue esta teoria, por conta da cultura material encontrada no final do Bronze, como instrumentos bélicos decorados, utensílios de banquete e objetos de adorno pessoal, período em que a presença fenícia ainda não estava consolidada. Seguindo esta mesma reflexão, Blanco (2014) aponta que a Península Ibérica ao mesmo tempo que resultou atrativa para os fenícios, por conta de seus metais (sobretudo prata e estanho) e excedentes agropecuários indígenas, também recebia em troca produtos exóticos para esta sociedade, como perfumes, azeite, joias e vinhos.

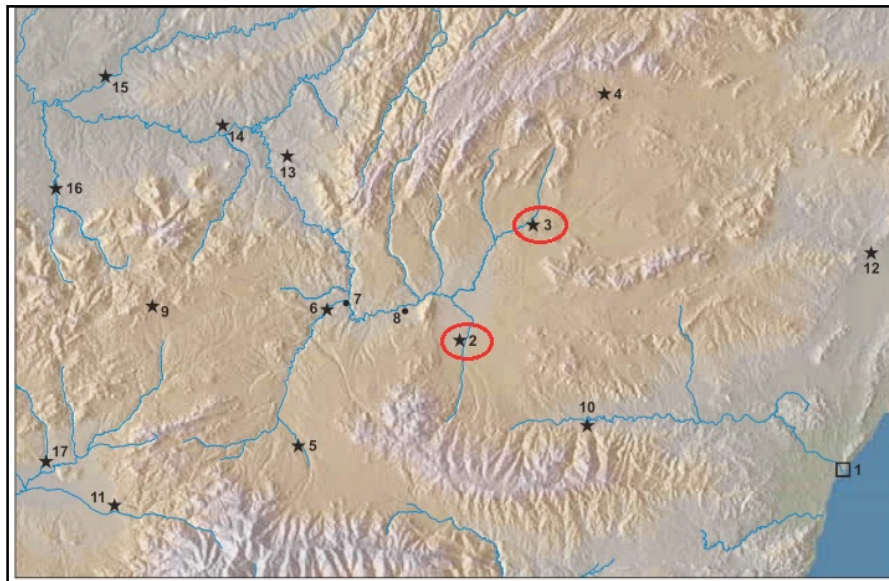


Figura 2 - 1. Porto fenício de Baria 2. Bastí 3. Tutugi 4. Arkilakis 5. Acci 6. El Forrochu 7. Canto Tortoso 8. Barranco del Moro 9. Cerro de los Allozos 10. Tagili 11. Lliberris 12. Eliocroca 13. Tugia 14. Salaria. Referência: Cobos, 2008, p.301.

No século VII a.C., o *oppidum* de Bastí (Cerro Cepero) passa a ter uma relação intensa com a costa do Levante, principalmente com o porto fenício de Bari, o que fez este *opiddum* se converter em um centro importante de comunicação e grande movimentação comercial, em relação aos outros *opidda* nucleares bastetanos, como Tútugi e Acci, que também possuíam um intenso comércio com os fenícios e entre eles mesmo. Em verdade, as análises historiográficas e arqueológicas entendem que, a partir do contato com o mundo fenício, se desenvolveram novas atividades produtivas e fortaleceram-se as trocas, o que teriam ocasionado, o surgimento de novos grupos que adquiriam e controlavam as riquezas destes *opidda* e que baseavam seu poder através do comércio, como é o caso da aristocracia ibera bastetana.

Evidências funerárias de uma elite

A região bastetana está localizada onde o que hoje, é conhecida como “altiplanices septentrionales granadinas”, e que desde 1987 foram localizados ao total, quase trinta assentamentos ibéricos. Em torno de Bastí, foram encontradas três necrópoles, sendo a mais conhecida a de Cerro del Santuario, onde foi encontrada a Dama de Baza em 1971. Arqueólogos encontraram vários tipos de tumbas, várias delas com opulento mobiliário, o que nos permitiu pensar que Bastí, foi um dos *opidda* mais importantes da região. Cobos (2008), destaca que, existiam duas vias de comunicação nesta região e que ambas, se comunicavam com o entreposto comercial fenício de Baria, na

desembocadura do rio Almanzora. Já a necrópole ibérica de Tutugi é conhecida desde 1920. Este núcleo territorial se divide entre o *oppidum* de Tútugi e mais duas necrópoles, sendo a Cerro del Real a necrópole, onde está localizada a sepultura da Dama de Galera. Essa necrópole atingiu o seu apogeu entre os séculos IV-III a.C., porém era utilizada desde os séculos VI e V a.C.

Durante a transição do Bronze Final e a Idade do Ferro, se experimentará uma significativa reorganização tanto das atividades agrárias e urbanísticas como funerárias, onde se destaca a visibilidade da mulher aristocrata. De acordo com Almagro Gorbea (1993), os cultos e ritos funerários refletem a organização e a “evolução” sócio-ideológica ibérica. Van Gennep (2011), destaca que ritos funerários ou de agregação ocorridos no interior de uma comunidade, gera um processo comportamental de comunhão e intercâmbio. Bendala (2010) ressalta a importância das sepulturas como campo privilegiado, em que se fazem visíveis as diferenças sociais, o papel do indivíduo e dos grupos em sua comunidade e no âmbito cultural. Desta maneira, analisar o uso das práticas funerárias, se torna uma via para que possamos penetrar em sua vivência e conhecer a visão dos iberos em relação à vida e à morte.

A arqueologia da morte, surgida com a “Nova Arqueologia” trabalha de forma sistemática o registro funerário, tendo-o como fonte de informação privilegiada sobre as estruturas sociais e culturais. Concordamos com Garcia (1993) quando cita que: *“Os documentos funerários representam em si mesmos, aspectos das condutas sociais de uma sociedade, possuindo assim uma dupla natureza, como matéria da ação social e sua utilização para uma aproximação com as análises de hierarquização, gênero e etc ...”* Segundo Parker Pearson (2001), a morte é a origem e o centro da cultura, portanto é um fator crucial para o desenvolvimento das sociedades. Ian Morris (1992) enfatiza que, ao analisar um sepultamento, é preciso reconstruir ou interpretar as estruturas sociais do passado: hierarquias, tradições, identidade sociais e relações de gênero. Com isso, a cultura material pode ser produzida ou apropriada com intenções específicas e ainda transformar as intenções futuras de uma forma imprevisível (Fahlander e Oestigard, 2008:4). O registro funerário deixado por uma determinada sociedade evidencia suas crenças, ideologias e comportamentos e vem trazendo um grande interesse, não só para arqueólogos, mas também para diversos especialistas atraídos pelas peculiaridades de algumas construções e a riqueza de seus altares. De acordo com o Van Gennep (2011), devemos analisar o sistema social, como dinâmico e compartimentalizado, onde uma série de rituais e práticas definem os grupos e as divisões entre os indivíduos. Desta forma, partiremos das perspectivas dos estudos da Arqueologia da Morte de Fahlander e Oestigard (2008), Peraile (2007) e Chapa Brunet (2006), que propõem a ideia de que os tipos de rituais funerários e de enterramentos podem transmitir significados e representações sociais a determinados membros da comunidade além de gerar novas dinâmicas e relações. O registro funerário é nada mais que, produto

de visões individuais e coletivas, assim como um espaço de inversões distintas de crenças, emoções e mentalidades.

A sepultura da Dama de Baza, descoberta em 20 de julho de 1971, pelo arqueólogo Francisco Presedo, faz parte da necrópole de Cerro del Santuario. Apresenta a forma de um poço, com medidas de 2,60 nas laterais e 1,80 metros de profundidade. No fundo e contornando a sepultura foi documentado um pequeno muro de 15 cm de altura, bastante destruído. Nos quatro cantos da câmara, foi escavado um sistema de pequenos buracos que faziam ligação do fundo da tumba ao exterior, e aí foram depositadas quatro ânforas, talvez para libações externas à sepultura. Encostada na parede norte, a escultura da Dama de Baza, uma urna funerária, esculpida em pedra calcária maciça, pesando entre 800 e 1000 Kg, que todavia ainda possuía as cinzas do morto, quando foi descoberta. Com a análise osteológica realizada por Trancho e Robledo (2010), foi identificada como uma mulher com a idade entre vinte cinco e trinta anos. Disperso no chão da câmara, estava o que restava do altar, entre outras ânforas, fíbulas, uma fivela de cinto e objetos de armamento. O tipo de pedra da escultura é abundante nesta região e sua altura é de 1,30 metros por 1,05 de largura (Ruiz e Molinos, 1995:128). Os estudos realizados sobre a necrópoles de Cerro del Santuário, propõem uma cronologia para essa tumba por volta da metade do século IV a.C.

A escultura da dama não é uma tarefa fácil de ser executada. A imagem trata-se de uma mulher com aparência madura sentada em um trono que possui pés em forma de patas de felino e ela se encontra adornada com muitas joias. Segundo Perea (2010), joias até desproporcionais ao que seriam o tamanho original, representando talvez a ostentação, como demonstram também as joias de outra dama ibérica, a dama de Elche.

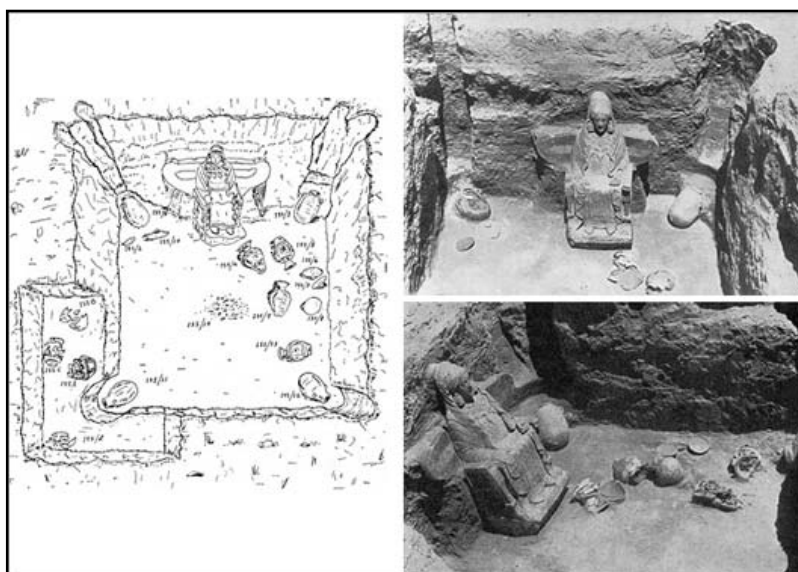


Figura 3 – Desenho idealizado por F. Presedo durante as escavações e imagens de frente e de perfil de fora da tumba da Dama de Baza. Referência: Aroux e Cobos. *El Contexto de La Dama em Territorio de Basti*, 2010:127.

O território de Bastí, estava rodeado por outros *oppida* importantes para o desenvolvimento do comércio e intercâmbios, ao norte estava Tútugi (Galera) e ao sul por Acci (Guadix), assim este *oppidum* estaria localizado em um lugar ideal de redistribuição de bens procedentes do Mediterrâneo, a partir de seus contatos com o porto de Baria. Como apontam Aroux e Cobos (2010), a aristocracia local sem dúvida controlava este tipo de atividade comercial, e entre os principais produtos estariam as cerâmicas gregas, bens de prestígio utilizados em grande escala pela aristocracia ibera. No entanto, o que chamou atenção na tumba de Baza é a total ausência de bens de prestígio de origem helênica, algo fora do comum, já que no momento da construção da tumba, já estava disseminado o uso de bens de prestígios importados nas sepulturas aristocráticas, inclusive em tumbas da mesma necrópole. No entanto, segundo Quesada (2012), pode ter sido um enterramento de uma mulher importante para aquela comunidade, talvez um enterramento de linhagem, no qual exigiu-se por parte desta elite somente elementos funerários ibéricos, podendo até mesmo considerarmos a intencionalidade de um claro valor simbólico de recuperação do arcaísmo bastetano, ou seja, anterior ao período Orientalizante.

O registro arqueológico é composto de inúmeros testemunhos de como os seres humanos em diferentes culturas e em vários momentos resolveram e deram respostas ao inevitável. No entanto, a maneira em que a morte é vista e tratada, será diferente e variada pelas tradições, culturas e crenças, além de assumir muitas formas (Fahlander e Oestigar, 2008: 5).

Para Bonet e Izquierdo (2001), entre os séculos IV e III a.C., as mudanças socioeconômicas ocorridas, somada às trocas culturais com outros povos do Mediterrâneo, fez com que esta aristocracia emergente, se movesse para as necrópoles, como um espaço de ostentação, convertendo-se num lugar onde se vê e é visto, um cenário ideal para se relacionar com os iguais e se diferenciar do resto. Deste modo, as elites buscaram evidenciar publicamente seu poder e o fazem através de suas vestimentas, joias, altares, armas e rituais exibidos nas cerimônias e atividades do grupo. Portanto, acreditamos que o caso da tumba da Dama de Baza pode ter sido um exemplo de fortalecimento de laços de coesão interna e de sua identidade frente ao exterior. É importante ressaltar o armamento depositado em seu altar. Seriam objetos pessoais da morta? Ou objetos de oferenda? O armamento catalogado é composto de: quatro espadas, um punhal, fragmentos de um escudo circular e talvez um freio para cavalos e três pontas de lanças. Os tipos de armas presentes na tumba são perfeitamente consistentes com a datação de IV-III a.C., e o número de armas se difere das demais tumbas que possuem estes objetos nesta mesma necrópole (Quesada, 2010:152).

As hipóteses de um enterramento feminino com a presença de armas são ainda muito discutidas, no entanto é conclusivo entre alguns especialistas (Quesada, 1989; Chapa et al, 1998) que

altares de maior riqueza, com depósitos de diversos objetos (pessoais ou não), também continham armas, tendo em conta o tipo, a qualidade e a quantidade. Segundo Chapa (1991 apud Quesada,2010), as armas da dama de Baza estariam relacionadas a sua função social, possivelmente associado à posição social da morta perante a comunidade ou de linhagem perante sua família. Para Almagro-Gorbea (1993-94), a dama oferece um caráter principesco, evidenciado pela urna esculpida e seu rico altar, podendo existir ainda uma superestrutura monumental visível ao exterior da tumba. Desta forma, a sepultura 155 de Baza se torna singular, perante outras tumbas ibéricas, no que se refere à estrutura de escavação, pelas cerâmicas personalizadas com motivos vegetais, pelas ânforas em cada esquina da tumba e sobretudo a peculiaridade da urna funerária, a própria escultura da Dama de Baza.

Neste sentido, também devemos destacar a singularidade de mais uma escultura, a Dama de Galera. Escultura de alabastro encontrada na necrópole de Cerro de Real em Galera (Granada) e datada entre a segunda metade do século VII a.C e primeira do século VI a.C. A dama de Galera tem sido objeto de diversos estudos. Acredita-se que fora fabricada em Chipre ou na Síria. Apesar de ter sido datada entre os séculos VII-VI a.C., foi enterrada como objeto de altar funerário somente no século V a.C. e seus atributos físicos e função social permanecem um “enigma”. A dama mede uns vinte centímetros, está sentada em uma cadeira cujo os braços representam duas esfinges, sustenta um prato na altura dos seios, por onde saía o líquido (provavelmente uma libação) que era derramado pelo orifício existente acima de sua cabeça e emanava pelo corpo até a sua saída. Veste uma túnica finamente decorada com mangas curtas, suntuosos colares e leva na cabeça diademas de modelo oriental igual aquelas das esfinges (Almagro-Gorbea, 2009:11). Um exemplo de sua interpretação, entre tantas, é a de Harden (1963) que afirma ser uma forma oriental da deusa Astárte.



Figura 4: A dama de Galera esculpida em uma pedra de alabastro. Referência: Almagro-Gorbea, M. La Diosa de Galera, Fuente de aceite Perfumado, 2009: 8.

Durante as escavações foram descobertas diversas fases estruturais na construção desta tumba. A primeira fase conta com uma câmara quadrangular com um corredor de acesso, ambos esculpidos numa pedra e com um pilar central que servia de sustento para o teto da câmara. Numa segunda fase o interior da câmara é embutido com rochas e terra, sendo a pedra do interior recortada em treze centímetros de diâmetro para formar uma plataforma, esta pedra estaria pintada de vermelho (Ariza et al, 2008:169). Esta tumba está espacialmente localizada, na parte mais alta da necrópole, sendo este, o local com o maior número de tumbas.

Com isto posto, surgem inúmeras hipóteses, Rodríguez-Ariza et al (2008), supõe que se tratava de um *témenos*, por sua localização, estrutura de modelo oriental e a cor vermelha em seu interior. A clara função sacro-ideológica destas estruturas específicas, confirma a importância da sepultura que com, dezesseis metros quadrados é a maior da necrópole e ao seu redor outras tumbas se articulam a partir dela. Para Sánchez (1998), a singularidade da estrutura funerária de Galera, se dá pela diferenciação interespaçial como: os níveis de pavimentos, decoração e a possibilidade de circulação interna da tumba. De acordo com a autora, os padrões de assentamento a partir do século VI a.C., definirão o modelo de ocupação territorial das aristocracias e sua clientela, onde a necrópole passará a se destacar com estruturas funerárias complexas e singulares, pois o reconhecimento visual da percepção do espaço constitui em uma informação fundamental para o indivíduo. Nos permitindo desta forma, trabalhar com aspectos relacionados com a dinâmica social e a ideológica desta sociedade.



Figura 4: Interior da tumba número 20 de Tútugi, onde no centro estaria a Dama de Galera e os demais objetos do altar funerário. Referência: mirinconmisitio.blogspot.com.es

Conclusões:

Deste modo, tomamos por base que, desde a fase inicial da Idade do Ferro, após o contato com fenícios e outras culturas do Mediterrâneo, os bastetanos criaram sua própria concepção do mundo pós-morte e que após um período dominado por uma plástica geométrica, o guerreiro e a matrona idealizados pelos artesãos poderiam chegar a ser uma demonstração personificada do poder da elite bastetana. Em uma cultura onde não se vê um grande número de templos e mitos, os iberos da Idade do Ferro se reconhecem em personagens reais associados talvez a grupos de linhagens (ancestrais) como no caso da sepultura da Dama de Baza, ou uma visibilidade mais ampla em relação ao estrangeiro, com a inclusão de animais e divindades orientais como é o caso da Dama de Galera. Concluimos desta forma, que ambos os enterramentos contribuíram para uma identificação social dentro da comunidade, onde as estruturas e os artefatos foram idealizados pela elite local como recursos e demonstração de prestígio e poder, além de traduzir o imaginário aristocrático perante a sociedade bastetana.

BIBLIOGRAFIA

Documentação Arqueológica:

ADROHER, Andrés M., CABALLERO, Alejandro. Santuário y Necrópolis fuera de las Murallas- El espacio perurbano de Los oppida Bastetanos. **Actes del Colòque Internacional** – Institut Català d'Arqueologia Clàssica. Tarragona, 2009.

ALMAGRO-GORBEA, M. La Diosa de Galera – Fuente de aceite Perfumado. **Archivo Español de Arqueología**, 2009, pp.7-30.

ARIZA, M^a O. et al. El Túmulo 20 de La necrópolis Ibérica de Tútigi. **Trabajos de Pré História** 65, número 1, 2008, pp. 169-180.

AROUX, A. M. D., COBO, A.C. El contexto de La Dama em el território de Bastí. **Maqueta Muriel** indd 57, 2010.

_____ **Bastetania Ibérica** - Viaje Arqueológico por las Altiplanices Granadinas. Baza: Imprensa Cervantes, 2008.

COBOS, Alejandro C. **Bastí Ibérica**. 1º Congresso Internacional de Arqueología Ibérica Bastetana. Madrid, 2008, pp.299-315.

PEREA, Alicia - **Las joyas de la Dama de Baza**: un espacio femenino - La Dama de Baza. Un viaje femenino al más allá. Eds.: Chapa, T.; Izquierdo, I. - Ministerio de Cultura - 2010 - 9pp.

QUESADA SANZ, F. Las armas de la sepultura 155 de la necrópolis de Baza. In: CHAPA, T. IZQUIERDO, I. **La Dama de Baza**. Um viaje feminino al Más Allá. Madrid: Ministerio de Cultura, 2010.

Bibliografía Específica:

AUBET, M^a E. **Tiro y Las colônias Fenicias de Occidente**. Barcelona: Crítica, 1994.

ALMAGRO-GORBEA. **Ritos y Cultos Funerário em el mundo Ibérico**. Universidad Complutense de Madrid, 1993-94.

_____ **Ideologia y Poder em Tartessos y el mundo Ibérico**. Discurso de ingreso em la Real Academia de la História, Madrid, 1996.

ARANEGUI, C. Mortales o Inmortales: a propósito de las damas ibéricas. In: Estienne, S. et al. **Image et Religion Dans L'antiquité gréco-romaine**. Nápoles, 2008, pp. 203-216.

BENDALA, Manuel. **Tartesios, Iberos y Celtas**. Madrid: Ediciones Planeta Madrid, 2010.

BLANCO, Luis A. F. Brindando com Vino? Quiénes eran los participantes de la mesa iberica? **Arqueoweb**, 15, 2014, pp.56-67.

BLÁZQUEZ, José María M., GELABERT, Maria P. G. Relación entre el proceso histórico: tartessos/colonización fenicia y la Alta Andalucía. **Complutum**, ISSN 1131-6993, N^o Extra 6, 1, 1996.

CHAPA, Teresa B. Arqueología de la muerte: Aspectos metodológicos. Universidad Complutense de Madrid, **Anales de Arqueología Cordobesa**, número 17, vol. 1, 2006, pp. 25-46.

ESTEVAN, Antonio V. Imágenes, texto y prácticas en femenino. La mujer y la cerámica del Tossal de Sant Miquel (Llíria, València). **SAGVNTVM**. Papeles del Laboratorio de Arqueología de Valencia; Vol 43 (2011); 125-132.

FAHLANDER, F., OESTIGARD, F. **The Materiality of Death: Bodies, Burials Belief**. Oxford: Archaeopress, 2008.

IZQUIERDO PERAILE, Isabel – **Arqueología de la muerte y el estudio de la sociedad: Una visión desde el género en la Cultura Ibérica**. Complutum Madrid: Servicio de Publicaciones de la Universidad Complutense de Madrid. N.º 18 (2007), pp. 247-261.

JULIÁ, Sara G. La Sociedad y sus ajuares: La necrópolis Ibérica de Baza 40 años después. **Revista eletrônica del Máster de Arqueología**. ISSN 1698-5664.

Disponível: www.ugr.es/arqueologyterritorio/Artics6/Artic6_6.htm

QUESADA SANZ, F. Mujer, Amazonas Tumbas y Armas: Uma Aproximación Transcultural. La Arqueología funerária desde una perspectiva de género. **Colección Estudios 145**. Madrid, Universidad Autónoma, 2012.

MORRIS, Ian. **Death-Ritual and Social Structure in Classical Antiquity**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

RUIZ, Arturo. MOLINOS, Manuel. **Los Iberos**. Análisis arqueológico de um processo histórico. Barcelona: Crítica, 1995.

SÁNCHEZ, Julia. La Arqueología de la Arquitectura. Aplicación de nuevos modelos de análisis a estructuras de la Alta Andalucía em Epoca Ibérica. **CSIC, Trabajos de Prehistória**, 55 núm. 2, 1998, pp.89-109.

TRIGGER, Bruce G. **História do Pensamento Arqueológico**. São Paulo: Odysseus Editora, 2004.

VAN GENNEP, A. **Ritos de Passagem**. Petrópolis, R.J: Editora Vozes, 2011.